

ÍNDICE

- 06 **VOLUME 08: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 11 **FIGURA: PADRE JOSÉ AUGUSTO ALVES** José Lima
- 13 **CONVERSAS COM... FERNANDO CABRAL**
- 25 **SETE ENSAIOS SOBRE OS FILMES ETNOGRÁFICOS DE MICHEL GIACOMETTI**
Joseph Jordania
- 40 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 52 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**





POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

3.ª Série | Episódios 29 a 31

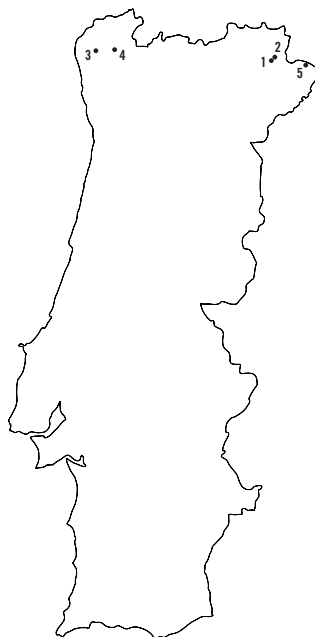
Gravação: 1972.Setembro-Outubro [4.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1973.Novembro-Dezembro

4.ª Série | Episódio 32

Gravação: 1972.Setembro-Outubro [4.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1974.Janeiro



LOCAIS

01. Bragança. Bragança, PARADA DE INFANÇÕES

02. Bragança. Bragança, GIMONDE

03. Braga. Ponte de Lima, ESTORÃOS

04. Viana do Castelo. Ponte da Barca, SÃO MARTINHO DE CRASTO

05. Bragança. Miranda do Douro, SÃO MARTINHO DE ANGUEIRA

TEXTOS/ EPISÓDIOS

CANTOS DAS MALHAS E DAS SEGADAS – PARADA DE INFANÇÕES E GIMONDE (BRAGANÇA)

[Data de transmissão: 1973.Novembro.29]

Bragança. Bragança, PARADA DE INFANÇÕES

Bragança. Bragança, GIMONDE

CANTOS DE TRABALHO – ESTORÃOS (PONTE DE LIMA)

[Data de transmissão: 1973.Dezembro.13]

Braga. Ponte de Lima, ESTORÃOS

CANTOS DE TRABALHO (SÃO MARTINHO - PONTE DA BARCA)

[Data de transmissão: 1973.Dezembro.27]

Viana do Castelo. Ponte da Barca, SÃO MARTINHO DE CRASTO

A DANÇA DOS PAULITOS EM SÃO MARTINHO DE ANGUEIRA

[Data de transmissão: 1974.Janeiro.10]

Bragança. Miranda do Douro, SÃO MARTINHO DE ANGUEIRA

POVO QUE CANTA - 4ª. Série - Programa 4

CANTOS DAS MALHAS E DAS SEGADAS – Parada de Infanções e Gimonde (Bragança)



1.º texto 1" + 40" – Trás-os-Montes, terra de contrastes. A serra e a ribeira. «A terra fria do centeio e da castanha fica em contacto com a terra quente do azeite e do vinho», como alguém já disse. Solo pouco produtivo, zonas montanhosas quase sempre desoladas, falta de água em certas regiões, clima de transições bruscas. As povoações confundem-se com a paisagem.

Num isolamento secular, que marcou o carácter e os costumes, vive aí uma raça de homens de pulsos fortes e ombros sólidos, de espírito orgulhoso e independente – «P'ra cá do Marão mandam os que cá estão»; de poucas palavras e impetuosos – «Enquanto o minhoto parte um prato, o transmontano mata um homem»; [sabedores de vida e de morte – «O homem rico é como o porco, só se conhece depois de morto» cortado no original pela Censura], «É melhor que morra um boi à fartura que um rato à fome».

– Parada de Infanções no concelho de Bragança. A malha do cereal – trigo ou centeio – com malhos, manguais ou mangoeiras. Hoje quase caída em desuso. Trabalho violento que ocupa Julho e parte de Agosto e, se as ceifas são mais tardias, prolonga-se até ao fim deste mês, quando os dias já diminuem – «Até à Senhora do Agosto, malha a teu gosto; da Senhora do Agosto p'ra diante, suor do teu rosto.» [Verão quente e seco. Prepara-se a

eira ou o eirado. Da meda vão tirando os melhores, que estendem convenientemente.] Os malhadores formam duas filas, frente a frente. A primeira malhadela, a «decrua», é feita com força, numa afirmação de virilidade. O «virar do eirado» pertence às mulheres, que voltam o cereal, de modo que a parte que estava de baixo fique para cima. Nesta fase do trabalho, mulheres e homens cantam. Ouvimos/vamos ouvir, «O perdigão», canção composta de coplas e estribilho, cantada com ligeiras variantes. Trata-se, segundo Fernando Lopes Graça, de «uma simples mas intensa e luminosa melodia hexacordal do modo maior». Canção que estimula o esforço, mas entoada sem rigor formal e acompanhada com gritos, ditos e gracejos. [Na segunda malhadela, a «entravessa», menos «puxada», os próprios malhadores cantam para marcar o ritmo].

A malha é também jogo de competição. Em certas terras, o trabalho acabava com o desafio de dois malhadores, cada um deles esforçando-se por «trovoar» mais alto, isto é, dar fortes estoiros com os malhos, de modo a serem ouvidos ao longe. Divisão do trabalho – às mulheres competem serviços mais leves: o «virar a covela», o «virar do eirado», o «tirar do colmo» e o «vassourar»; aos homens, além do próprio malhar, o «abrir a palha», a «tira da palha» com as forcadas e a «padeja» com as pás.

2.º texto 15" + 15 ou 20" – Os velhos romances que, à maneira de rito litúrgico, eram aqui entoados [três ou quatro vezes ao dia] nas ceifas ou segadas, não estão de todo esquecidos, embora já não se cantem durante o próprio trabalho sob a forma alternada em que, geralmente, uma mulher respondia a um homem. Enquanto prossegue a malha, ouviremos «Estando eu à minha porta», romance novelesco das segadas. «Bela melodia, fortemente vocalizada e de sabor um tanto 'exótico' no seu cromatismo». Os cantos entoados nas malhas e nas segadas inserem-se num ritual complexo, cujo simbolismo está possivelmente ligado a velhos cultos de fertilidade, de que, aliás, ainda hoje constituem reminiscências um sem-número de crenças e costumes.

3.º texto (a incluir nas malhas) – Antes de deixarmos Parada de Infanções, ouviremos ainda «A cantiga está cantada», geralmente entoada em coro no fim do trabalho pelos segadores que, aqui como em outras terras da região, designam a última canção do dia por «arremate».

4.º texto 10” – «A cantiga está cantada». A noite envolve Parada. Prosseguiremos caminho até à povoação Gimonde, cerca de 30 km a norte, onde, amanhã de manhã, filmaremos outra malha, que conserva ainda muitas das suas características de outrora.

5.º texto 1’ – Gimonde, nas imediações de Bragança. Vamos assistir, portanto, à malha de centeio/malha de trigo, no decurso da qual serão entoados alguns dos cantos tradicionalmente integrados neste rude trabalho executado no pino do Sol. Conseguimos recolher ainda dois dos muitos romances que se cantavam nas ceifas ou segadas. Tal como aconteceu em Parada, estes romances não serão apresentados no seu próprio ambiente, a ceifa, que, em todo o País, já não mobiliza numerosos grupos de homens e mulheres quer para prestação de serviços, isto é, entrejuda de vizinhos, quer para trabalhos de jorna e de empreitada. A ceifa manual, quando subsiste, apesar da emigração e do progresso da mecanização, adquire um carácter doméstico a que falta o ambiente propício ao canto. Como em Parada de Infanções, os malhadores são chamados à eira. A malha, no seu conjunto, obedece às mesmas regras. A eira é percorrida pelos malhadores, por diversas vezes e em todos os sentidos. No rebordo da eira, as mulheres seguram um panal de azeitona, uma lona ou manta de serapilheira, a qual não deixará o grão escapar da eira. O vinho é apreciado neste serviço violento. Parados, os homens, cantam a pedir vinho:

Venha vinho, venha vinho,
Para molhar a garganta,
Que eu sou como o «reixinol»,
Quanto mais bebe mais canta.

E se vinho não vem, ameaçam o patrão:

Venha vinho, venha vinho,
Venha mais meia canada,
Se não me dão de beber,
Deixo ir o pão na palha.

Enquanto em outras terras a ameaça é diferente:

Se ele não vier, (o vinho, bem entendido)

Fica o pão na palha.

Que o malhe o patrão

E mais a mulher.

6.º texto 15” - «Pão e vinho, anda caminho». É altura de malhar as «bordas» e, nesta fase do trabalho, são os próprios malhadores que vão entoar uma canção a que chamam «Valerzinho», de ritmo funcional – espécie valioso de canto ligado a uma fase particular da malha. A letra do «Valerzinho» é de certo modo curiosa:

Eu bem vi um valerzinho

Cheio de robre cercado.

Eu bem vi um pastorzinho,

Dando voltas ao seu gado.

Dando voltas e revoltas,

Ficou bem revoltado.

A cajata era de ouro,

O surrão sobredourado,

Dentro do surrão trazia

Um pano agalado.

Em cada ponta seu anjo,

No meio Jesus pintado.

7.º texto 30” – Neste momento nasceu uma discussão acesa acerca da canção «Quatro varas tem», geralmente entoada pelas mulheres ao varrer ou «balear» a eira. Não estão de acordo quanto à escolha da música mais apropriada, pois conhecem duas versões e, no seu dizer, uma seria mais antiga e mais bonita. É de notar que as canções das malhas a que assistimos hoje em Parada de Infanções e Gimonde são em linguagem decente,

o que nem sempre acontece [Com efeito, o etnógrafo, Padre António Mourinho, no seu estudo “Malha do cereal na Cardenha, coro dos malhadores”, nota que, nesta freguesia do concelho de Moncorvo, dezoito das quadras cantadas, têm alusões, ou veladas ou declaradas, aos órgãos sexuais masculinos ou femininos, sendo algumas descaradamente pornográficas.” cortado no original pela Censura.]. Na verdade, essas quadras são cantadas apenas nas malhas e nunca em outras ocasiões. Este costume pode ligar-se, talvez, às práticas de magia imitativa dos primitivos ritos da vegetação, em que ainda hoje os homens manifestam a sua preocupação pela fertilidade.

8.º texto 20” – São reminiscências dos ritos primitivos. Vários costumes, como o «molho do patrão», o derradeiro molho do último eirado, posto em leilão de maneira simbólica para obrigar o patrão a pagar uma multa em dinheiro ou vinho. Este molho é em seguida malhado até o desfazerem por completo, o que simboliza o sacrifício ou a morte do patrão, como sobrevivência, precisamente, dos sacrifícios humanos primitivos em homenagem ao espírito dos cereais. O cortejo que aqui vemos /que vamos ver está simbolicamente ligado a estes ritos antigos. O dono ou a dona do cereal vão presos até concordarem com o pagamento de uma multa. Em Celorico de Bastos, por exemplo, fazia-se o «enterro do patrão», segundo Jorge Dias – uma cerimónia precedida de um canto lamuriento e consistindo em agarrar o patrão e levá-lo até à adega, onde obrigavam a ir buscar vinho, que todos bebiam em ruidosa alegria.

9.º texto 15” – «Apeia-te cavalheiro» é um romance das segadas que, em muitas terras, se canta à pessoa que vem trazer a merenda, entre as quatro e as cinco da tarde. É cantado na mesma forma dialogada e no mesmo estilo dos romances das segadas que ouvimos em Parada de Infanções. «Apeia-te cavalheiro» também conhecido pelos nomes de «D. Eugénia», «D. Ausenda» e «D. Jorge», narra a história de um crime passionnal – D. Eugénia serve vinho envenenado a D. Jorge que com outra queria casar.

10.º texto – «Agora baixou o sol», outro romance narrativo utilizado nas segadas, e também conhecido por «Madalena» (Santa Maria Madalena). É geralmente cantado ao fim da tarde. O canto resume-se a uma curta frase melódica de cinco notas, o que, como em tantos outros casos, denuncia o seu primitivismo.

11.º texto 10” – Terras de Trás-os-Montes, com as suas últimas malhas, as suas últimas

ceifas, feitas pela mão forte do homem. Parada e Gimonde, duas terras de Trás-os-Montes onde o canto, testemunha secular do trabalho do homem, se quer solidário do seu destino até à última malhada, até à última ceifa.

POVO QUE CANTA - 4ª. Série - Programa 5

CANTOS DE TRABALHO – Estorãos (Ponte de Lima)



1.º texto 35” – Estorãos, concelho de Ponte de Lima. Uma terra do Minho onde, num solo compartimentado em pequenas explorações agrícolas, a policultura era de regra. Estorãos. A ponte romana. A vida parada até que, um dia, uma experiência de emparcelamento, a princípio frágil e modesta, mudou o destino da gente. A terra, dividida desde há séculos, voltava à colectividade a que, possivelmente, tinha pertencido no sistema comunitário de outrora. // «A malha» – quase caída em desuso. O processo arcaico do malho, mangoal ou mangoeira, conforme as regiões. As mulheres cantam para encorajar o esforço dos homens. Coros a quatro e cinco vozes. Velhas modas e outras, as modas novas – integradas numa polifonia impressionante que era comum a toda a região.

2.º texto 55” – As modas que ouvimos, «Uma pêra, duas peras», «Joana minha Joaninha», «Abana a casaca», são solidárias do trabalho. Modas amorosas, maliciosas, irreverentes, licenciosas mesmo, não de todo isentas de crítica social, embora sem feição marcada-

mente reivindicativa. // O «virar do eirado», o «tirar do colmo», o «acoanhar» ou o «vassourar a eira» são serviços que competem às mulheres. As modas encadeiam-se quase que naturalmente, as vozes exacerbam-se – vozes a que chamam «baixo», «baixão», «meio» ou «desquadro», «guincho» ou «requinta», designando-se por «sobreguincho» ou «fim» aquela que se levanta na última frase ou na última nota do canto. Cantam essas mulheres em todas as ocasiões do trabalho, o qual, no seu dizer, é «feito de favor», pelo que a forma polifónica dos cantos reflecte, possivelmente, uma longa prática de entreajudada.

3.º texto 15” – Um recanto de terra ainda por sachar – «Já que vieram até aqui, vão ver como se canta na sacha», e acrescentam: «É uma moda antiga».

O amor e o dinheiro
Não podem andar «incobertos»,
O dinheiro faz barulho,
O amor é desinquietao.

4.º texto 45” – É curioso notar que, enquanto certos cantos utilizados no decurso do trabalho, como por exemplo, os velhos romances e as cantigas de romarias, são, em geral, entoados colectivamente, numa forma polifónica a duas ou três vozes, outros há que, pela sua estruturação polifónica complexa a quatro ou cinco vozes, ficam a cargo de um pequeno grupo de mulheres de certo modo especializado. Várias vezes ao dia estas mulheres juntam-se aqui para cantar uma ou mais quadras, como que para dinamizar o esforço das suas companheiras nos momentos de maior cansaço.

O «São João» que vamos ouvir a seguir constitui um documento extremamente precioso. São João é tido pelo povo como um santo inclinado aos pequenos prazeres deste mundo, pelo que lhe são dedicadas quadras não raras vezes licenciosas. Vem a propósito sublinhar que o carácter frequentemente indecoroso da nossa poética popular não tem merecido a atenção da generalidade dos nossos investigadores – talvez por falso pudor ou preconceitos descabidos. Aliás, a respeito dos costumes ligados ao São João, o abade de Baçal lembra que o bispo de Noyes (588-659) advertia nestes termos os seus diocesanos:

«Não façais fogueiras nem vos senteis cantando em volta delas, nem danceis dia de festa de São João, porque tudo isto é pagão e obra do demónio.»

5.º texto 20” – Ouvimos outro «São João», cuja polifonia funcional acompanhava o bater sincronizado das espadelas nos cortiços. E agora outro canto de espadelar, «Este linho é mourisco», que se refere ao linho temporão, ou seja, o linho que fica em terra durante o Inverno para ser arrancado na Primavera. Trabalho moroso este, do linho semeado, lavrado, gradado, regado, mondado e arrancado, ripado e espadelado. O arranque do linho começava outrora pela cerimónia curiosa da «rebolada», em que o pessoal se aca-salava e os pares bem unidos rebolavam no linhar.

A espadelada consiste em eliminar as arestas que ainda ficam agarradas às fibras e separar, das fibras que produzem o linho, as grossas que dão as linhagens.

6.º texto 20” – «Já não vai bem», cantam com malícia as nossas amigas. Sendo assim, fechamos já o nosso programa, mas, antes, lembraremos estas palavras do grande folclorista húngaro Zoltan Kodál (palavras que hoje, em Estorões, adquirem uma ressonância particular): «As formas da tradição podem mudar mas a sua essência permanecerá a mesma enquanto viver o povo cuja alma ela incarna. E tempo virá em que a classe culta, numa forma nova e artística, poderá devolver esta tradição transmitida pelo povo à comunidade nacional, ao povo tornado nação.»

Michel Giacometti

POVO QUE CANTA - 4ª. Série - Programa 6

CANTOS DE TRABALHO (S. Martinho de Crasto – Ponte da Barca)



Este programa é dedicado à memória de Gonçalo Sampaio, botânico e folclorista.

1.º texto 1'1'10" – S. Martinho de Crasto no concelho de Ponte da Barca, Minho. Vamos assistir a uma «vessada», ou seja, uma lavra que apresenta características de raro interesse etno-sociológico e musicológico. A «vessada» obedecia outrora a regras estritas e a sua importância no calendário agrícola era assinalada por todo um ritual a que não faltava o banquete final a cargo do dono da terra. Acabada a «vessada», portanto, era a festa, com comezainas, gracejos e bailes.

A música que ouvimos – enquanto se junta o pessoal e os apetrechos da vessada – é tocada por um grupo instrumental que se deslocou de propósito da localidade vizinha de Covas de Aboim. São membros de uma mesma família estes músicos ambulantes que, nos dias de festa, tocam a «alvorada» logo de manhã, acompanham a procissão com música nem sempre de circunstância e esgotam nos bailes de terreiro o seu repertório, a que cada vez mais se vão associando músicas corriqueiras. Resultam, por vezes, desta associação curiosos produtos híbridos.

2.º texto 30" – A «vessada». «Fazer a vessada», como dizem aqui, consiste em lavar, semear – geralmente milho – e gradar. Antigamente, os lavradores associavam-se para

reunir os bois necessários às quatro juntas que, umas adiante das outras, se chamavam, a partir do arado, respectivamente «pé», «trilho», «picadouro» e «guia de frente».

O canto que acompanha a «vessada» é um «aboio», entoado em diálogo pela rapariga que guia os bois e pelo homem que vai à charrua. Quem vai à frente dos animais é sempre um rapaz ou uma rapariga, conforme regras antiquíssimas da divisão do trabalho, que excluem o adulto deste serviço. Trata-se de uma singela melodia constituída apenas por seis notas, que exprime bem o andar vagaroso e certo dos bois, e que por vezes não tem letra, mas apenas exclamações: «Ei boi, ei lá boi!»

3.º texto 30/40” – A «vessada» realiza-se em Maio e, como em geral acontece no Minho com as várias fainas agrícolas, é um trabalho feito «de favor», isto é, com a ajuda dos outros.

Trabalho colectivo. As mulheres picam a leiva que o arado não volta. Em muitas aldeias, era costume a namorada do rapaz que vai à charrua colocar nesta um ramo de flores e por vezes até doces e vinho.

Enquanto prossegue a «vessada», voltemos ao nosso grupo instrumental que possivelmente ficou desconsolado com o tempo que perdemos a registar uma...

[Falta um página dactiloscrita]

4. [...] De tarde, o tamborileiro acompanha a procissão ao lado do guião e imediatamente atrás da cruz.

5. O tamborileiro de Santo Aleixo. Não foi possível à RTP filmar o tamborileiro de Santo Aleixo, cujo «toque» apresentado neste momento foi registado por Michel Giacometti em 1965. O tamborileiro de Santo Aleixo participava nas festas de Santo António, no primeiro domingo de Maio. Na véspera da festa, ao fim da tarde, fazia-se ouvir a caminho da capela do santo, onde ia depositar os seus instrumentos, que aí ficavam toda a noite. De manhã regressava, tocando a alvorada pelas ruas e de tarde acompanhava a procissão, alternando o seu toque com a banda.

6. Barrancos. Ao tamborileiro de Barrancos compete as festas de Santa Maria a 15 Agosto. Na véspera, acompanha o peditório pelas ruas. No dia seguinte toca a alvorada e de tarde participa na festa, integrado na procissão, sempre ao lado do guião.

7. No Monte de Belmeque, nas imediações de Vale de Vargo, o etnólogo vai completar um inquérito iniciado no ano anterior. A RTP está presente e, sem mais comentários, transmite alguns momentos deste inquérito.

Desejaríamos fechar este programa com estas palavras de Zoltan Kodaly: «É pela sua linguagem e pela sua música que a vida de uma nação se afirma.»

POVO QUE CANTA - 4ª. Série - Programa 7

A DANÇA DOS PAULITOS EM SÃO MARTINHO DE ANGUEIRA



1.º texto 1'30" a 2" – Trás-os-Montes, onde, no dizer de Miguel Torga, «são léguas e léguas de chão raivoso eriçado, queimado por um sol de fogo e por um frio de neve».

São Martinho de Angueira, aldeia do concelho de Miranda do Douro.

Policultura e pastoreio marcaram fortemente a região, que mantém velhas formas de pensar e de dizer as coisas. O lavrador mirandês deve ter:

Muito mú

E muito mé;

Pouco coxe

E menos oxe.

Ou seja, muitos bovinos e muitos ovinos, poucos suínos e menos galináceos.

A dança dos paulitos, neste recanto isolado do planalto mirandês, conserva as suas características de dança essencialmente ritual. Conforme a tradição, é executada por um grupo de oito rapazes, em honra da Senhora do Rosário, no primeiro domingo a seguir ao dia 8 de Setembro. A dança dos paulitos é geralmente dedicada aos santos da devoção popular local, cujas festas coincidem quase sempre com os momentos importantes do calendário agrícola. Caída em desuso em muitas terras, nesta província era conhecida nos concelhos de Freixo-de-Espada-à-Cinta, Moncorvo, Mogadouro, Miranda do Douro, Vimioso e alguns lugares do concelho de Bragança. No estrangeiro, a sua existência é assinalada particularmente em Espanha, desde a Galiza ao Levante e de Castela à Estremadura.

A função da dança em S. Martinho de Angueira consiste em juntar esmolos para a festa da santa, pelo que se executa logo de manhã, de porta em porta, à maneira de peditério, prosseguindo mais tarde à frente da procissão. Nesta ocasião, dança-se «Ihaços», tais como «As pombas», «As águias», etc. Após o recolher da procissão, o reportório completo é dançado no adro da igreja.

Estamos a ouvir a música de um «Passacalhe», possivelmente de origem espanhola. É costume desta região tocar-se o «Passacalhe» nas procissões.

No caso presente, destina-se apenas a reunir os dançadores. O primeiro número ou «Ihaço» a que vamos assistir é conhecido por «Vinte e cinco aberto» que, no dizer dos pauliteiros, é «o Ihaço mais atacado», ou ainda um «Ihaço para partir paus».

2.º texto 10” – O «Senhor mio», «Ihaço» que, em geral, inicia a dança. É também conhecido por «Jesus Cristo» ou «Acto de contrição», de acordo com a letra. Os dançadores ajoelham-se e tocam com os paus no chão.

3.º texto 30/40” – A organização da dança obedece a regras antiquíssimas. Tem um chefe entre os oito dançadores, chamado «guia direita». Os dois pauliteiros da frente, designados por «guias dianteiras», usam os paus mais compridos. A «guia direita» é quem selecciona e substitui os dançadores, tomando sempre o primeiro lugar em tudo, inclusive nas suculentas refeições de carácter ritual em casa de cada um dos mordomos, nos três dias que precedem a festa.

A «Yerba» é o «Ihaço» que veremos a seguir.

4.º texto 15/20” – O título «Mirandum» do «Ihaço» que se segue parece relacionar-se com o episódio conhecido por «Guerra do Mirandum», que ocorreu em 1726 nesta região. A letra e a melodia são sensivelmente as da conhecida canção francesa «Malbrough s’en va-t-en guerre».

5.º texto 20” – Notemos, no traje dos dançadores, o colete enfeitado com lenços na frente e fitas a tiracolo e chapéus com laços de várias cores e ramos de flores. Faltam-lhes, na verdade, as tradicionais três saias brancas com rendas, naturalmente bastante incómodas para este exercício em que se conjugam a agilidade e a precisão dos movimentos.

«Santo Antoninho» é o nome do «Ihaço» que veremos em seguida.

6.º texto 5” – No início do programa, vimos o «Vinte e cinco abertos», o tal «Ihaço para partir paus». Agora, o «Vinte cinco de roda», de expressão majestosa.

7.º texto 5” – Outro «Ihaço», com o nome curioso de «Tim-tira».

8.º texto 45” – Nem todos os «Ihaços» têm letra. Alguns apresentam textos de sabor medieval, um dialecto que nem sempre é de pura cepa mirandesa. Os motivos religiosos predominam, mas não faltam motivos agrícolas e pastoris, amorosos e de mal dizer, profissionais e até políticos. Os «Ihaços» podem ser dançados ao som do canto, em que a voz procura imitar a gaita-de-foles, ou ao som deste instrumento, do bombo e do tamboril. O gaiteiro aqui presente é o nosso amigo José da Igreja, de 50 anos, natural da localidade vizinha de Ifanes. Toca flauta desde os 14 anos e gaita-de-foles desde os 18 anos. Pastor e jornalista, tem trabalhado ultimamente como mineiro em Espanha.

«A verde», «Ihaço» de carácter amoroso.

9.º texto 25” – Como devem ter observado, cada «Ihaço» compreende várias partes distintas, que podem ir de uma a cinco ou mesmo mais. Estas partes, ou «passos», podem ainda ter «meia volta», «uma», «duas» ou mais, e designam-se por: «Quatrada», «Guias a dentro», «Peões a fora», etc.

O próximo «Ihaço» é a «Carmelita». Trata-se, quanto à letra, de um hino à Virgem Maria.

10.º texto 35” – Chegou talvez a altura de perguntar qual a origem da dança dos paulitos, em que alguns autores querem ver vestígios da dança pírrica. A resposta não é fácil,